

Lições da melhor instituição de ensino superior do país

Melhor colocada no ranking do MEC, a Escola Brasileira de Economia e Finanças (Ebef) tem como algumas de suas estratégias para busca da excelência a interação com a pós-graduação, incentivo a professores e alunos para participarem de atividades de pesquisa, predominância de docentes com doutorado e um sistema permanente de avaliação de suas atividades, onde a opinião do aluno é fundamental

RENATO DECCACHE
renato.deccache@folhadirigida.com.br

No topo do ranking do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior, do MEC, está a Escola Brasileira de Economia e Finanças (Ebef), da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Com IGC 5, a instituição alcançou 487 pontos na avaliação do MEC, que considera oito itens, entre eles, a nota no Exame de Desempenho dos Estudantes (Enade), a proporção de professores com doutorado, mestrado e dedicação exclusiva e condições de infraestrutura.

A Ebef tem cerca de 12 anos de existência. Porém, a Escola Brasileira de Pós-Graduação em Economia (EPGE), à qual a primeira colocada no ranking do MEC está vinculada, tem tradição bem maior: existe desde 1961 e, ao longo destas décadas, tornou-se referência no país. Tanto que, na última avaliação nacional dos cursos de pós, alcançou o conceito 7, o maior de todos, feito só igualado pela Universidade de São Paulo (USP).

Segundo o diretor da EPGE e também da Ebef, Rubens Penha Cysne, a interação com os cursos de pós foi o diferencial para o

resultado obtido pela graduação, na avaliação do MEC. Ao longo de seus 12 anos de existência, a Ebef, de acordo com ele, beneficiou-se de toda a tradição da escola de pós-graduação, que é um dos principais centros de produção acadêmica do país, na área de Economia.

“Esta complementariedade existente entre os cursos de graduação e o de pós-graduação, voltada para a pesquisa e para a inserção internacional nos melhores periódicos acadêmicos internacionais, é o que gerou esta excelência no que diz respeito ao corpo discente.”

Nesta entrevista, o diretor aborda outros temas como a participação dos alunos em projetos de pesquisa, perfil dos professores, infraestrutura disponível, sistemas de monitoramento da qualidade, além dos planos da instituição para o curto e médio prazo.

FOLHA DIRIGIDA — O QUE, NA SUA AVALIAÇÃO, FOI FUNDAMENTAL PARA O RESULTADO DA ESCOLA BRASILEIRA DE ECONOMIA E FINANÇAS, NO IGC?

Rubens Penha Cysne — O fator mais marcante para o nosso curso de graduação ter sido agraciado com esta nota é termos uma identidade com a pós-graduação também. A maior parte dos professores que operam na graduação, atuam na pós, que também foi agraciada com a nota 7 na avaliação do MEC. Então, tanto na graduação como na pós, conseguimos a nota máxima dada no Brasil aos cursos. Esta complementaridade existente entre os cursos de graduação e o de pós-graduação, voltada para a pesquisa e para a inserção internacional nos melhores periódicos acadêmicos internacionais, é o que gerou esta excelência no que diz respeito ao corpo docente, que saiu-se tão bem nos exames do Enade.

E COMO É ESTA INTERAÇÃO ENTRE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO?

Em primeiro lugar, o corpo de professores que atuam na pós-graduação também atuam na graduação. São professores que estão fazendo pesquisas publicáveis em periódicos internacionais, que estão conectados com seus pares em centros de excelência no resto do mundo, que estão indo a seminários, dando aulas em outras universidades também em vários países. E eles, ao atuarem também na graduação, trazem aos alunos o que há de mais moderno e mais atual no estado da arte da teoria econômica. E evidentemente que este estado da arte pressupõe, hoje em dia, a utilização de um instrumental técnico quantitativo muito forte, o que inclui a parte de teoria econômica bem sedimentada, a parte de econometria e a parte de investigação estatística, todos estes três parâmetros bastante fortificados. Então, quando existe esta interface com o que é feito lá fora, automaticamente, isto traz para a pós-graduação e para a graduação o que há de mais moderno, que envolve esta força do lado quantitativo, ou seja, do trabalho com a matemática, a econometria e a teoria econômica.

OS ALUNOS TAMBÉM SE ENVOLVEM EM PROJETOS DE PESQUISA AO LONGO DA GRADUAÇÃO?

Não todos, necessariamente. Ao longo do curso, alguns alunos mais interessados procuram professores para desenvolverem pesquisas de seu interesse e que podem transformar-se em projeto de final de curso. Já outros preferem iniciar somente após o final do curso para elaborarem este projeto final. Mas, a inserção na pesquisa é importante não apenas porque dá mais força e experiência ao aluno, na captura da teoria, mas também porque eles tentam se inteirar dos problemas nacionais e do mundo, como a questão do Aquecimento Global, por exemplo. Há muitas pesquisas que versam sobre este tema.

O QUE PODE NOS DIZER EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES?

Todos os professores da pós-graduação têm doutorado, assim como os da graduação. Além dos docentes da pós, o corpo docente da graduação é formado por professores convidados, que são especialistas que complementam o ensino ministrado por eles, como, por exemplo, no caso de mercado financeiro ou uma disciplina de cunho mais prático. São profissionais, por exemplo que operam com derivativos, com defesa da concorrência, entre outras áreas, e que trazem para o aluno um conhecimento mais prático.

O SENHOR DIZ QUE A MAIOR PARTE DOS PROFESSORES TÊM DOUTORADO. QUAL A IMPORTÂNCIA DISTO PARA A BOA QUALIDADE DO ENSINO?

É porque o doutor já teve uma formação básica em pesquisa. Então, ele sabe como passar à frente métodos que ele próprio utiliza. Um professor que seja, somente, um especialista em uma determinada área do mercado, que é trazido para dar aula na graduação, ele passa sua mensagem rapidamente em um determinado curso, muitas vezes em disciplinas eletivas, mas não está voltado para a pesquisa. A vantagem do doutorado é ter estas pessoas podendo transmitir aos alunos conhecimentos científicos aplicados de forma quantitativamente defini-

da, ou seja, eles têm o respeito pelo método empírico em que é feito um modelo, testa-se o modelo com dados e verifica-se se os dados corroboram o modelo ou não. Este pensamento científico é mais comum aos professores que têm uma formação acadêmica mais elevada, que vão até o doutorado e que ficam na pesquisa.

O SENHOR DISSE QUE TRABALHA COM PROFESSORES QUE SÃO PROFISSIONAIS DO MERCADO. É IMPORTANTE TER, TAMBÉM, DOCENTES COM ESTE PERFIL? QUAL O PAPEL DESTES TIPO DE PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA EBEF?

Eles são importantes em algumas matérias eletivas. Podem ser usados complementarmente, muitas vezes em atividades de palestras, workshops, ou seminários um pouco mais abrangentes, complementando, muitas vezes como convidados especiais, a formação básica daquele curso.

COMO É A INFRAESTRUTURA DISPONÍVEL PARA OS ALUNOS?

Temos, aqui, o que há de mais moderno em recursos computacionais. Há uma estrutura de apoio pedagógico. Temos também setor de colocação profissional que dá aos alunos comodidade e um certo conforto na hora de se alocarem profissionalmente, seja no mestrado e doutorado, no caso dos que vão seguir a carreira acadêmica, seja no mercado privado ou público. E temos também a biblioteca da FGV, que é um modelo.

EM TERMOS DE RECURSOS COMPUTACIONAIS, O QUE É DISPONIBILIZADO PARA OS ESTUDANTES?

Temos uma equipe de profissionais da área, com analistas de sistemas e programadores que dão suporte aos alunos. Os estudantes têm acesso a vários softwares de Econometria, Matemática e até mesmo de redação científica. E temos também laboratórios de informática onde eles podem fazer suas tarefas em computadores aqui na própria Fundação. Todos são equipados com datashow, computadores e tudo o que há de mais moderno para o ensino.

OS ESTUDANTES SÃO INCENTIVADOS A PARTICIPAR DE EVENTOS COMPLEMENTARES À FORMAÇÃO?

Certamente. Eles são frequentemente expostos a vários seminários que são realizados aqui na Fundação, não somente na área de Economia, mas, também, em outras áreas, como os promovidos pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) ou o Centro de Matemática Aplicada que está iniciando curso de mestrado. Eles podem fazer cursos de verão deste Centro; temos também uma Escola de Direito, onde eles podem fazer cursos e são instados a irem a seminários na área de Direito; Temos também um curso de Administração Pública e Privada, onde os alunos são incentivados a fazer cursos e seminários. E os estudantes são estimulados, também, a irem para vários países. Temos um centro que coordena o intercâmbio entre os alunos da graduação da FGV, em todas as áreas, e da Economia, em particular, com estudantes do resto do mundo. Agora, estas questões em particular, mais institucionais, a meu ver, são muito relevantes. Mas, creio que sejam ainda mais importante a parte acadêmica, que é gerada a partir da interação com a pós-graduação. É aí que está o fulcro, o elemento mais importante desta excelência.

POR QUE?

Esta Escola de Pós-Graduação e Economia é a mais antiga do Brasil. Foi fundada em 1961. Estamos em seu 50º aniversário. Foi fundada pelo professor Mário Henrique Simonsen. Esta escola de pós-graduação deu origem, há cerca de 12 anos, à escola de graduação, que, ao longo deste tempo, pôde beneficiar-se de toda a tradição da escola de pós. Então, este algo a mais, que nos dá a melhor colocação não apenas na graduação, mas, também, na pós-graduação, como a única instituição nota 7 na avaliação da Capes, além da Universidade de São Paulo (USP), vem da longa tradição da Fundação Getúlio Vargas no ensino e na pesquisa em Economia. Esta Escola de Pós-Graduação em Econo-

mia, de 1961, que tem como fruto a Ebef, foi criada para manter um núcleo de excelência que havia sido criado na Fundação, sob a chancela de Eugênio Gudín e Otávio Gouveia de Bulhões. Este núcleo de excelência, formado entre 1946 e 1961, foi, por exemplo, responsável pela criação, no Brasil, das Contas Nacionais, do Balanço de Pagamentos e dos índices de preços.

QUE INSTRUMENTOS SÃO UTILIZADOS PARA MONITORAMENTO DA QUALIDADE DOS CURSOS?

Temos, primeiro, o feedback que nos é dado pelo mercado, que nos sinaliza que tipo de profissional está sendo mais demandado. Os que vão para a área acadêmica nos dão o feedback de saber quais os ramos de pesquisa mais interessantes, no exterior, e aqui. E, os que vão para o setor público, nos dão o retorno pelo qual podemos saber, dentre os programas nacionais, quais os mais interessantes no momento. E, internamente, temos mecanismos de avaliação dos professores, pelos alunos; temos reuniões da Congregação que nos permitem identificar demandas dos alunos e do mercado e, ainda, fazer um permanente questionamento do curso.

O SENHOR ACABOU DE DAR UM PANORAMA GERAL DA ATUAÇÃO DA EBEP. E HÁ UMA SÉRIE DE FATORES QUE NÃO SÃO COMUNS EM BOA PARTE DAS INSTITUIÇÕES PRIVADA, ENTRE ELAS, INTEGRAÇÃO ENTRE GRADUAÇÃO E PESQUISA, MAIORIA DOS PROFESSORES COM DOUTORADO, ALTO INVESTIMENTO, ETC. O SENHOR ACHA QUE ESTE É UM MODELO QUE PODE SER REPLICADO OU NÃO É VIÁVEL QUE TODAS AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ADOTAREM ESTE FORMATO?

A maior dificuldade, a meu ver, está na parte histórica. Uma instituição como está não se faz da noite para o dia. Há vários casos de entidades educacionais que têm recursos mas que não possuem este nível de excelência. Acredito que a parte histórica ela realmente é difícil de replicar. Existe uma certa tradição que é única. E a tradição ela tem um papel importante na formação acadêmica e, principalmente, na formação do corpo docente. O que não quer dizer que, com determinação e com aporte suficiente de recursos e de vontade, não se consiga alguma coisa próxima.

ESTE IGC É VISTO COM UMA CERTA RESERVA PELO MEIO EDUCACIONAL. PELO RESULTADO, BOA PARTE DAS INSTITUIÇÕES PARTICULARES FORAM REPROVADAS. O SENHOR ACHA QUE, POR ESTES CRITÉRIOS, É POSSÍVEL MESMO DIZER QUE O SETOR PRIVADO TEM OS PROBLEMAS DE QUALIDADE QUE, PELOS DADOS, APARENTE POSSUIR?

O mesmo tipo de questão se coloca, por exemplo, na avaliação da Capes, em relação aos cursos de pós-graduação. E sempre que o resultado é divulgado há pedidos de revisão, contestações. É um processo dinâmico e que acredito que está em uma boa direção. Por exemplo, no caso da pós-graduação, há uma coincidência geral e o que vem a público. Existe um índice chamado Tilburg, da Holanda, que é um ranking dos departamentos de Economia para todo o mundo. E somos rankeados como primeiros na América do Sul em segundo lugar na América Latina, atrás apenas de uma instituição do México. Esta coincidência mostra uma certa robustez dos resultados do MEC. Este é um elemento importante no índice; existir outras avaliações que gerem resultados semelhantes. Na inflação, por exemplo, existem os índices do Dieese, do IBGE, da FGV, etc. No cotidiano, pode uma ou outra diferença. Mas, se no longo prazo, eles geram indicadores próximos, eles têm uma certa robustez. Então, existe uma certa robustez nestes índices que estão sendo divulgados pelo MEC. O que não quer dizer que sejam perfeitos, mas que estão em um caminho bom.

QUAIS OS PLANOS DE CURTO E MÉDIO PRAZO PARA A EBEP?

Primeiramente, a internacionalização. Queremos receber alunos de outros países, em especial, na pós-graduação, começando no doutorado. Isto nos possibilita ter candidatos de uma amostra mais ampla, o que nos permitirá melhorar o nosso nível. Outro objetivo da escola é tentar cada vez mais trazer o setor privado para financiar alunos carentes, que têm potencial e estão sem condições de estudar. Queremos que venham para cá e que, depois, possam ir para o mercado de trabalho resolver os problemas de nosso país. E a terceira vertente é continuar o intercâmbio internacional dos professores, através da pós-graduação, cada vez mais incentivando a publicação internacional nos melhores periódicos científicos. Este é um mote permanente. Não é um planejamento de curto e médio prazo. É isso que nos dá a dianteira no ranking da Capes. Assim, geramos excelência, tentamos atrair estudantes de outras partes do mundo e buscamos trazer alunos carentes que estudam com recursos externos. Em última instância, buscamos servir a dois propósitos: alargar o conhecimento humano e prover mentes bem formadas para pensar e encontrar soluções para os desafios de nosso país.

“A INSERÇÃO NA PESQUISA É IMPORTANTE NÃO APENAS PORQUE DÁ MAIS FORÇA E EXPERIÊNCIA AO ALUNO, NA CAPTURA DA TEORIA, MAS TAMBÉM PORQUE ELES TENTAM SE INTEIRAR DOS PROBLEMAS NACIONAIS E DO MUNDO”



Rubens Penha Cysne: "buscamos servir a dois propósitos: alargar o conhecimento humano e prover mentes bem formadas"